

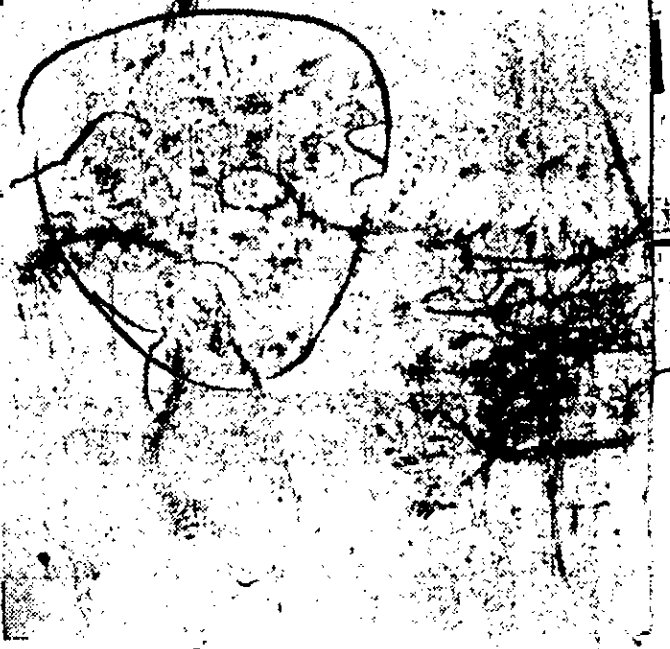
Estado de S. P.
30. 3
1968

Um dos conceitos mais característicos do pensamento hegeliano é o "Zeitgeist", (espírito do tempo). Se a história for concebida como um movimento do espírito da subjetividade para a objetividade, um movimento portanto pelo qual o espírito se objetiva progressivamente, todo instante dado na história representa um determinado estágio de objetivação, estágio este chamado "espírito do tempo". Esse espírito se manifesta e age em todos os fenômenos de uma época dada. É ele que imprime sobre uma época dada aquele clima que a caracteriza, o seu "estilo". O conceito não é uma criação hegeliana. O jovem Goethe, por exemplo, preocupava-se muito com o "Zeitgeist", que para ele é um espírito vulgar e comum, contra o qual o pensador verdadeiro luta para afirmar-se. Mas em Hegel o conceito "Zeitgeist" adquire uma plenitude de significação que permite vislumbrar um método para a construção de uma época, e também das tendências que agem nela para resultarem em outra. O método é este: tomam-se dois fenômenos da mesma época, de preferência dois fenômenos muito distintos. Comparem-se esses fenômenos para descobrir o comum a ambos. Este será o "Zeitgeist". Terá sido captada assim não apenas a explicação dos fenômenos escolhidos, mas também da época na qual

ocorrem. Pelo menos uma explicação dentro do modelo hegeliano. E já que toda explicação ocorre dentro de um modelo, isto não é defeito.

Estas considerações me ocorreram quando contemplei um quadro de Ely Bueno. Por um daqueles palpites repentinos que os românticos chamam "intuição" ou "inspiração", e que a língua alemã chama "Einfall", (palpite no sentido de invasão vertical de cima para baixo), vi nesse quadro não apenas um espírito do tempo, mas dois espíritos do tempo, (ou devo dizer: o espírito de dois tempos?). Deve ter comparado, com rapidez inconsciente, o quadro de Ely Bueno com dois outros fenômenos, a saber com a filosofia da geração passada e com a filosofia da atualidade. Com efeito, o quadro parece ser uma ilustração dessas duas filosofias, da ruptura entre elas, e das tentativas parcialmente frustradas de comunicar entre ambas através do abismo. Tal foi o impacto que isto causou que aderi momentaneamente ao modelo hegeliano. Mas há uma curiosa dialética na adesão a Hegel: na adesão Hegel fica superado.

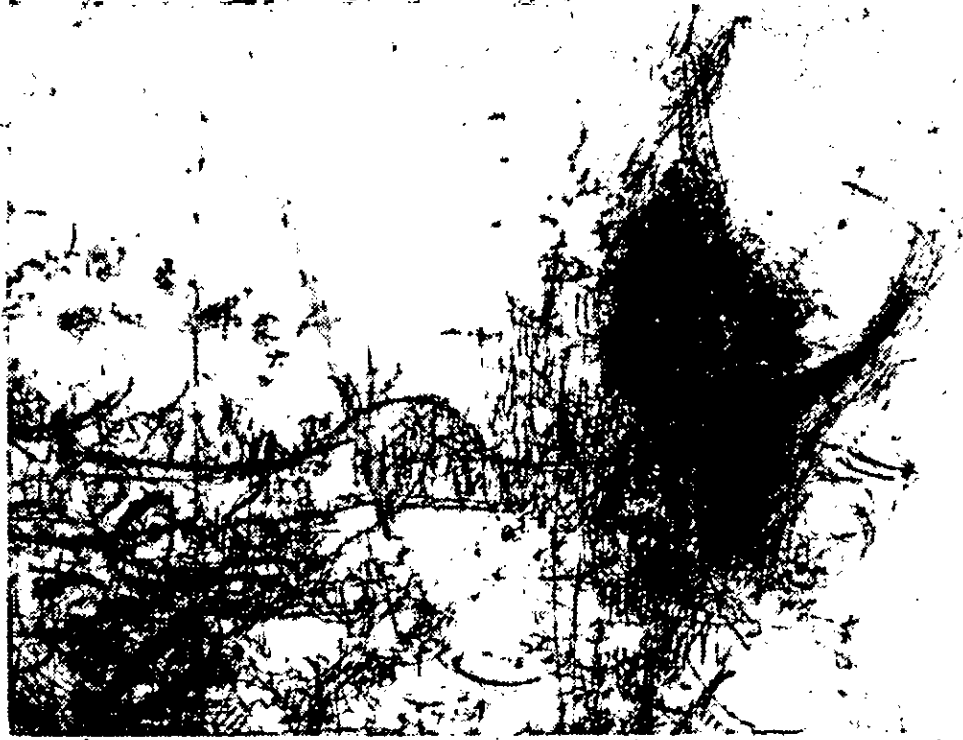
Descreverei o quadro, mas antes esboçarei as duas filosofias com as quais comparei intuitivamente. A primeira é a própria filosofia hegeliana com seus descendentes, por exemplo Marx e Dilthey. É uma filosofia do



movimento, da tendência, da dinâmica, do progresso, da evolução, em suma: é historicidade. A segunda é aquela que se inicia com Husserl, e cuja descendência varia: começa a articular-se atualmente. É uma filosofia da relação, do campo, da função variável, da comparação de sistemas em busca de matheas universal, em suma: é estruturalismo. Embora seja possível equacionar a primeira

na segunda e a segunda na primeira, a própria reversibilidade da relação já representa, por si só, a vitória da segunda. Em outras palavras: embora possa eu explicar o estruturalismo historicamente, o fato de poder também explicar o historicismo estruturalmente é a derrota do historicismo.

O quadro deve ser lido de direita para esquerda, para cima e para baixo, sempre negativamente argumentado. Um torvelinho violento rodopia sobre uma ponta imaginária, e abre-se para cima. O redemoinho é móvel e está subindo. Na medida, na qual sobe, fica mais amplo. Mas também mais complexo e mais informado. A massa amorfa e primordial da qual é composto o seu núcleo adquire forma e individuação nos limites ascendentes. Detritos da comição são expelidos do processo, e decaem, superados, para o ralo do esquecimento. E protuberâncias são propulsores, quais tentáculos tentativos, em direção superior, per aspera ad astra. Mas o redemoinho ocupa apenas a parte direita do quadro. Todo otimismo que ele possa causar em nós, a despeito da sua violência, é pois prematuro. O quadro continua para esquerda, abandonando o torvelinho máe, embora este "brionicamente ligado a ele pelo cordão umbilical" por ele emitido. Várias formas embrionárias acompanham o cordão, o qual anda, suavemente e irônicamente, só



Detalhe bre dois pés picaastiano. Es-

discorre verticalmente e su-
ja o quadro. E na fronteira
de cá da barreira obstáculos
estão acumulados e redu-
zem, pela sua horizontali-
dade nivelada, a verticalida-
de do torvelino ao absurdo.

O eixo cartesiano tem raí-
zes profundas. É árvore an-
corada, mas árvore sem co-
pa. Podemos imaginar a co-
pa apenas extrapolando o
quadro para cima e além
do seu horizonte. Mas muita
coisa acontece na parte
visível do tronco, especial-
mente na parte de baixo. A
nossa tendência é de simbo-
lizar esses acontecimentos
para compreendê-los, e elevá-
los do reino meramente em-
pírico da vivência sem sen-
tido. A tentativa de compre-
ensão da passagem fracassa,
pois toda ruptura é essen-
cialmente incompreensível,
ou não seria ruptura. Pode-
mos agarrar-nos apenas a
um único fenómeno, na vã
esperança de dar sentido aos
acontecimentos que marcam
o nascimento do corajoso
mundo novo: uma forma
que atravessa o eixo logo
abaixo do centro da cruz
cartesiana, e que evoca um
"e" ou um "e". Será ela a
cópula "e" que une os dois
mundos? A suposição é des-
mentida pelo cordão umbilical
que atravessa patética-
mente a barreira para di-
luir-se no novo terreno ao
qual é inadaptável. É logo
mais o vazio, o espaço in-
tergalaxial que separa as
épocas, atravessado esporá-
dicamente por "partículas"
perdidas que deixam traços
na câmara Wilson da nossa

mente nublada, antes de de-
saparecerem e contrariarem
assim a suposta lei da con-
servação da matéria palpá-
vel, (ou pelo menos visível).
Morreu um espírito de um
tempo.

Viva o novo. Viva espe-
cialmente, porque parece
ser antropomórfico. Não tem
cara de rosto? Tem nariz,
tem olho, tem, se quiserem,
até chuca-chuca. Mas uma
inspeção mais cuidadosa re-
velará que este novo espí-
rito deste novo tempo ape-
nas simula ser humano. É,
na realidade, um metassiste-
ma composto de sistemas.
Por exemplo aquela parte
do pseudo-rosto que parece
ser olho: parece ser olho
apenas se assumirmos o
ponto de vista relativo ao
metassistema. Como siste-
ma em direito próprio não
tem sentido falarmos em
olho. Todo sentido é rela-
cionado ao seu contexto.
Uma viagem de inspeção
pelo metassistema, diagnósti-
cado como "rosto" da pers-
pectiva humanística aban-
donada com o torvelinho no
lado direito do quadro, re-
velará uma multiplicidade
de contextos independentes,
mas intrincados mutuamente.
Um caos composto de
universos. Todo sistema tem
seu sentido, sua "raison
d'être". Como também tem
seu sentido o supersistema
todo. Há, em tudo isto, um
excesso de sentido, um ex-
cesso de explicações, e é es-
te excesso que é vivenciado
como caos. Porque provoca
o problema das perguntas of-
fending "meaning". A verdade, uma

viagem de inspeção pelo
pseudo-rosto pseudo-humano
deste computador cretino re-
robóticamente hidrocefálico
revela o espírito do nosso
tempo. Se é que ainda po-
demos falar em "espírito"
e não em "espectro". Regra-
ficou superado anti-hegelia-
namente, e a época espera
estupefata pelo novo rosto
que surgiu à esquerda do
quadro, por uma "Fenome-
nologia do Espectro", e por
uma "Antifilosofia da Anti-
história", que será um
acontecimento, (em sentido
de "happening") antimo-
rável, e por isto mesmo con-
creto.

Mas será que o quadro
autoriza tamanho pessimis-
mo? Creio que o pessimis-
mo é tão precipitado quan-
to o foi o otimismo do la-
do direito do quadro. O me-
tassistema é um sistema
aberto. Os seus contornos
têm rachaduras. São pou-
cas, mas existem. Algo po-
de penetrar, por entre elas,
para dentro do supersiste-
ma. E, mais importante
ainda, algo lhe pode esca-
par por entre elas. Com
efeito, algo já lhe pareceu
ter escapado. Não apenas
para baixo, mas também em
direção futuravel do quadro.
Que é este algo? Um outro
espírito de um outro tem-
po? É claro que não pode-
mos especular sobre pergun-
tas deste tipo, porque, se
pudéssemos, o espectro espí-
rito já teria sido totalmen-
te atualizado pela realidade do nos-
so tempo. São apenas os
impostos da realidade do nos-
so tempo e a nossa imagi-
nação, e são portanto os
limites deste quadro.

Descrevi o quadro e
é: traduzi da língua alemã
Ely Buono para o português.
Embora esse artigo não
a ver algo com "fidelidade"
ao texto "traduzido", o ter-
mo "fidelidade" deve ser li-
gar do termo "fó", e o ter-
mo "texto" ao termo "con-
texto". Em outras palavras,
a fidelidade ao texto não é
a transposição mecânica da
estrutura de um sistema
para outro sistema, por-
que isto implicaria justa-
mente em perda de texto.
Isto teria acontecido, se ti-
vesse, por exemplo, tradu-
zido o quadro por sentenças
que apontam traços e va-
zios em todo milímetro qua-
drado do quadro. A fide-
lidade ao texto é a tentativa
de captar o sentido de um
sistema por um outro sen-
tido em outro sistema si-
tuado em um metassistema.
"Traduzir" é pois "dar ou-
tro sentido dentro de me-
tassentido". A este esforço
este artigo está dedicado.
Portanto este artigo é mais
outro fenómeno do espí-
rito de nosso tempo.

Quadro de Ely Buono

te andar é interrompido, no
seu avanço em direção ao
nascimento de uma nova era
do lado esquerdo do qua-
dro, por uma brutal abscissa
cartesiana. Será ela a se-
gunda guerra, ou estou exa-
gerando a minha tradução
exegética indevidamente? Já
antes de ter alcançado a
barreira, um mau preságio
aparece no desenvolvimento
da época-quadro. Uma faixa
líquida e cinzenta, mas a
daspeito deste sangrento,



Detalhe